

À MARGEM DO MERCADO

Brasil tem um Portugal de informais

São 25% dos trabalhadores ou 13,8 milhões, mais que toda a população portuguesa

Luciana Rodrigues e Flávia Oliveira

Os pequenos negócios informais são a fonte de trabalho de um quarto dos brasileiros ocupados em atividades não-agrícolas. São autônomos, pessoas que vivem de bico, microempresários ou empregados de firmas à margem da formalidade. E que, com grande frequência, se tornaram empreendedores não por vocação, mas por falta de opção. Na sua mais recente pesquisa sobre economia informal urbana, o IBGE contou 10,34 milhões de pequenos empreendimentos desse tipo em 2003, que empregavam 13,86 milhões de pessoas, o equivalente a 25,45% da força de trabalho das cidades brasileiras, excetuando-se empregados domésticos. É um exército de trabalhadores superior, por exemplo, a toda a população de um país como Portugal (10,56 milhões).

Entretanto, o peso desse setor no Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas do país) é bem menor. A receita desses negócios — uma média de R\$ 17,6 bilhões ao mês em 2003 — representa cerca de 6% do PIB, segundo estimativa do IBGE. Os números mostram que o setor informal tem uma função social, de absorver mão-de-obra e atenuar a crise do mercado de trabalho, muito maior do que seu papel econômico na geração de riqueza.

— Se essas pessoas não tivessem como atuar e garantir sua sobrevivência, estariam pressionando, por um lado, o mercado de trabalho e, por outro, os programas de transferência de renda do governo — afirmou Angela Jorge, coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE.

Informalidade chega a 98% dos negócios

• Desde 1997, data de referência da última pesquisa do IBGE desse tipo, o número de trabalhadores em negócios informais cresceu 7,7%. É quase o dobro da expansão de 4% registrada no mesmo período, no total de empregados em atividades não-agrícolas no Brasil, com exceção do serviço doméstico. Ou seja, sem o setor informal, o desemprego urbano entre 1997 e 2003 teria crescido bem mais.

Mas, por outro lado, os pequenos negócios não-formalizados perderam participação no PIB, já que em 1997 respondia por 8% do total das riquezas



ADVOGADO-CAMELÔ: formado na PUC, José Pinto (com a carteira da OAB) e sua barraca de roupas no camelódromo da Uruguiana

Simone Marinho

Edição de Arte

A metodologia

• Para definir o que são empreendimentos informais, o IBGE seguiu a recomendação da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Foram incluídos os negócios com até cinco empregados, no qual não há separação entre capital e trabalho (o proprietário também é trabalhador) e não há distinção entre o patrimônio e a receita da empresa e os bens e rendimentos da família de seu dono.

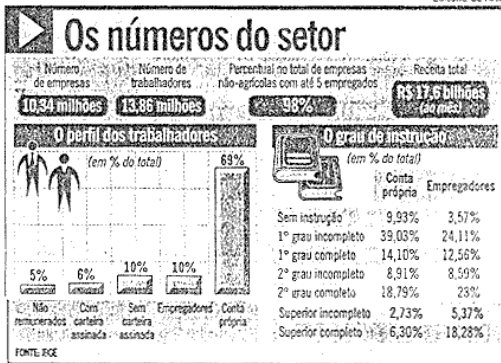
Trata-se de uma pesquisa por amostra. O IBGE visitou mais de 54 mil domicílios urbanos do país. Não foram incluídos os empregados domésticos.

Pela metodologia, mesmo os empregados com carteira assinada em pequenos negócios informais entram na pesquisa. Mas empregados sem carteira assinada em empresas formais não estão incluídos. O IBGE explica que objetivo é fazer um levantamento a partir das unidades produtivas, e não a partir do trabalhador. Foram consideradas todas as atividades socialmente aceitas.

geradas no país, isso é reflexo do empobrecimento desses empreendedores e de seus empregados.

A informalidade alcança 98% dos empreendimentos não-agrícolas com até cinco empregados. E reúne um universo amplo, que vai desde camelôs até microempresários, passando por artesãos. No conjunto, 69% são trabalhadores por conta própria, 10% são empregadores, 16% são funcionários com e sem carteira assinada e 5% trabalham sem remuneração.

Na maior parte das vezes, são informais por falta de oportunidade: 31,12% afirmaram ter iniciado seus negócios porque não encontraram emprego e 17,62% disseram buscar



uma complementação de renda. Apenas 16,47% viraram empreendedores por um desejo de independência.

— O setor informal funciona mais como rede de proteção do que como trampolim. As pessoas montam negócios por necessidade, não por em-

preendedorismo — disse Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). — Prova disso é que um terço dos proprietários diz que iniciou o negócio por não encontrar emprego.

José Ferreira de Pinto, de 60 anos, esbarrou muito jovem em barreiras para entrar no mercado formal. Saiu aos 23 anos do

vogado na mesma universidade. O diploma e a carteira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) são motivo de orgulho, e nada mais.

— Nunca pratiquei advocacia. O salário de iniciante era muito baixo e, sem família no Rio, não tinha como me manter — lembra o advogado, que depois de trabalhar 30 anos com decoração de flores em igrejas, hoje é dono de uma barraca de roupas no camelódromo da Uruguiana.

Os trabalhadores por conta própria são os mais motivados pela necessidade. Entre os homens desse grupo, 37% abriram o negócio por falta de chance no mercado de trabalho, enquanto 34% das mulheres foram complementar a renda familiar. Outro índice de que o mercado formal habita os sonhos de boa parte dos empreendedores informais é o elevado número (15,90% do total) dos que disseram, quando perguntados sobre planos para o futuro, que pretendem abandonar seus negócios e procurar emprego. ■

• RECEITA DO SETOR INFORMAL ENCOLHEU 20%, na página 22

À MARGEM DO MERCADO: Até ganho de empregadores foi reduzido no período

Informais sentiram no bolso uma perda maior de renda: queda de 20%

Receita encolheu entre 1997 e 2003. Enquanto isso, a jornada cresceu

Flávia Oliveira e
Luciana Rodrigues

Os informais sentiram com mais força o golpe sofrido na renda dos trabalhadores pelas sucessivas crises econômicas que assolaram o país nos últimos anos. A receita do setor encolheu quase 20% entre 1997 e 2003. No mesmo período, a renda média dos brasileiros caiu 18,8%, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do próprio IBGE. Nos pequenos negócios informais, o recuo nos rendimentos veio acompanhado de jornadas de trabalho mais longas, contratos mais precários e maior dificuldade para a venda de produtos.

Os trabalhadores por conta própria viram seus ganhos diminuírem 19,50%, de uma média de R\$ 1.446 em 1997 para R\$ 1.164 em 2003. Entre os empregadores, o recuo foi de 8,89%. Além disso, 93% dos negócios informais eram lucrativos em 1997. Em 2003, essa taxa caiu para 73%.

Adriana Fontes, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), não se surpreende com a acentuada queda de renda do segmento. Os microempreendedores, diz ela, têm mesmo mais dificuldades em manter o nível de rendimento em conjunturas desfavoráveis, já que não têm salário fixo ou proteção legal.

— Eles são mais vulneráveis às oscilações macroeconômicas. Além disso, se o número de trabalhadores neste setor cresceu 8%, a concorrência aumentou. A renda só pode ter caído.

Cresceu o percentual dos que ganham por tarefa

O economista Marcelo Neri, da FGV, lembra que 1997 marca um momento especialmente bom para o mercado informal. Nos primeiros anos do Plano Real, os trabalhadores que mais ganharam foram os prestadores de serviço. Já no período pós-desvalorização cambial, eles lideraram as perdas. Significa dizer que a pesquisa toma como referência o pico e o vale do rendimento dos informais no período pós-Real.

— O IBGE tirou a melhor e a pior foto de cada um dos momentos. Por isso a queda é tão acentuada — diz Neri.

Mesmo dentro do já precário mercado informal, cresceu a precariedade das relações de trabalho. Em 1997, 72% dos empregados no setor, à exceção dos proprietários, tinham uma relação de trabalho por tempo indeterminado. Em 2003, só 61% tinham esse vínculo. Enquanto



VANÍSSIA, DE 22 anos: com pouco estudo, ela ganha R\$ 80 por semana e tem uma jornada de 69 horas

Editoria de Arte

Saiba mais sobre a pesquisa

O rendimento dos trabalhadores

	1997	2003
Total	R\$ 2.183	R\$ 1.754
Conta própria	R\$ 1.446	R\$ 1.164
Empregadores	R\$ 6.622	R\$ 6.093

Queda acumulada

	1997	2003
Total	19,65%	19,50%
Conta própria		8,89%
Empregadores		

Fonte: IBGE

O motivo de ter iniciado o negócio informal (em % do total)

	Entre os homens que trabalham por conta própria		Entre as mulheres que trabalham por conta própria	
	1997	2003	1997	2003
Não encontrou emprego	31	37	20	27
Complementação da renda familiar	11	11	36	34
Independência	21	17	15	13

	Entre os homens que são empregadores		Entre as mulheres que são empregadoras	
	1997	2003	1997	2003
Não encontrou emprego	16	18	9	11
Complementação da renda familiar	5	5	16	16
Independência	25	24	26	24

isso, cresceu de 7% para 10% os que ganhavam por tarefa.

O vínculo mais frágil com o trabalho ocorreu em meio a um aumento da já elevada carga horária. Enquanto em 1997 apenas 4% dos empreendedores diziam ter elevado sua jornada nos últimos 12 meses, na pesquisa de 2003 esse número chegou a 9% entre os conta própria e 10% entre os empregadores. Uma parcela significativa (14,49% do total) tem jornada superior a 60 horas semanais.

Vaníssia Moreira Alves, de 22 anos, conhece na pele a expressão trabalhar muito, ganhar pouco. Ela é funcionária de uma

banca de camelô, das 7h30m às 19h30m de segunda-feira a sexta-feira. Aos sábados vai até as 16h30m. São 69 horas semanais a R\$ 80. Vaníssia estudou até o primeiro ano do antigo segundo grau. Saiu da escola e foi trabalhar quando engravidou do filho, hoje com 3 anos.

— Já tentei procurar emprego, mas não consigo porque não tenho segundo grau — conta.

A pesquisa do IBGE mostra que, dentro do setor informal, o rendimento mais baixo é justamente o das mulheres que são empregadas sem carteira: R\$ 275, pouco acima do salário-mínimo de R\$ 240 em 2003.

A maioria dos empreendedores informais não tem qualquer tipo de proteção social. Entre os que trabalham por conta própria, 20,19% não contribuem para a Previdência oficial.

A pesquisa traça um perfil do setor de baixa instrução, idade mediana e longo tempo de permanência na informalidade. Entre os conta própria, 39,03% têm apenas primeiro grau incompleto. No conjunto total, 45,62% têm entre 40 e 59 anos e 37,33%, entre 25 e 39 anos.

Chama atenção a longevidade dos pequenos negócios informais: 31% existem há mais de dez anos. ■